

COMBATAMOS ESTE NOVO TIPO DE PROSTITUIÇÃO Domingo 5/9/82

Um título para um tema tão vasto e pródigo de casos e exemplos que bastava para formar uma biblioteca de enciclopédias, se fosse exaustivamente explorado para pôr a nu irremediavelmente todo o mal que dele advém, mas a que, paradoxalmente, por ser assunto candente e pobre, se tem feito «vista grossa» degenerando em tabu, ao invés de ser radicalmente combatido. Reconheço, todavia, que a nível de Partido, através da OMM se têm envidado esforços para debelar o dito cujo mal, mas está suficientemente provado que a sanção moral nem sempre é semente que cai em terreno fértil. No âmbito jurídico, verdade seja dita, há penalidades, mas não tão implacáveis, não tão directamente proporcionais aos crimes que o mal comete. Inúmeros casamentos desfeitos, filhos abandonados, educação estragada, abortos ilegalmente provocados, estudos incompletos, actividades profissionais negligenciadas, menoridade corrompida, bolsos (aliviados) e sei lá que mais.

Para facilitar uma tentativa do seu estudo analítico, irei decompor o tema em duas partes. Eis a primeira: adultério.

Uma percentagem infelizmente grande da nossa mulher pratica-o; ou com o padreiro, o merceiro, o chefe do serviço, o homem do talho, da cooperativa, da cantina do abastecimento, do bar, do restaurante, com o vizinho e até com os familiares do marido. Perdem-se minutos produtivos ao telefone, abandonando-se o trabalho, gasta-se dinheiro alheio em chamadas para se combinarem encontros extracongugais para relações ilícitas. Que o diga quem ao tentar servir-se do telefone «entra» num cruzamento de linhas. Tudo serve para justificar ao marido (quando o fazem) as ausências ou deslocções: estive na bicha, fui à reunião, fui à casa da mamã, da mana ou da tia. É frequente ouvirmos o «Dom Juan» dizer de alguém que vai a passar: «Eu já comi aquela gaja». Incrédulos (talvez haja confusão nas pessoas), ainda alvitramos: «Mas é a esposa de...!». Resposta: «E daí?»

Mas vamos às causas: por que a mulher pratica o adultério?

Geralmente é uma mulher bem casada, com filhos que adora, sem faltas nem preocupações financeiras. Não raras vezes está empregada (e bem) e se não ama o marido, pelo menos gosta dele, sente-se bem em viver ao seu lado sendo-lhe satisfeitos todos os pequenos caprichos. Por outro lado: o amante trabalha irregularmente (quando trabalha), é solteiro (solteiro maior, divorciado ou viúvo), é um inadaptado social, amigo de conflitos e um grandíssimo vigarista. Também pode ser um «bon vivant», um mãos cheias, proprietário de um automóvel ou... cooperante. Assim, as mulheres serão ou nymphomaniacas (queremos experimentar emoções novas) ou prostitutas (a camisete da Interfranca mais os sapatos, os pães que lhe são vendidos pela porta de cavalo, o talquinho de açúcar que até faz um

jeitão, a caixinha de cerveja mesmo em tempo de crise, os tacos para a modista e o cabeleireiro pois o marido todas as semanas isso não atura: «Tá quieta. Nem com trinta contos de vencimento». Uma verdade indiscutível: desde que abriu a «Franca» aumentou o número de adúlteras (males que vêm por bem). Soluções: sem pretender introduzir a Pena de Talião ou algo similar que até fazia um jeitinho (mulher adúltera e seu amante, faca no bucho com a «benção» do Tribunal; decrescia, é certo, o índice populacional, aumentava porém, em boa proporção inversa, o respeito pela família, pelo lar, que é afinal a



basezinha da sociedade que está em construção), uma lei dura para os prevaricadores punha ponto final a tamanha pouca vergonha. Nada de reconciliações («Eu perdoo porque gosto dela») nem divórcios prolongados. Estes divórcios são úteis para casais fiéis mas desunidos noutras coisas. O divórcio devia ser sumário e automático. A acção civil engolida pela criminal. Bem... «Ne sutor ultra crepidam.»

Segunda parte: Prostituição de luxo e prostituição infantil.

Constata-se que aumenta dia após dia o número de «prostitutaszinhas» que demandam a baixa e zonas citadinas, cinemas, boates e cafés, sacateando e abanando provocadoramente o rabo, de calças justíssimas

ao corpo sem soutiens, blusas transparentes e vestígios igualmente transparentes. A maioria não trabalha nem tem uma ocupação (honrosa) que justifique o seu guarda-roupa (que é volumoso e seleccionado de acordo com o critério pessoal) e os constantes (diários) lanches no MK-CENTRO ou as janturadas no Hotel Cardoso e Piri-Piris (os pais, não, que não alinha e só serviria para quem com eles vive). Uma particularidade salta a vista: usam roupa que nenhum estabelecimento comercial normal vende. Como?

O desabafo de um cooperante: «Estas moçambicanas (até generaliza) são autênticas la-

numa flut devidamente mobilada, com alcatifa e som estereofónico (versão luxuosa de prostituição) e fazem-se pagar de 1000,00 MT para cima (olha lá pá, três contos e vou contigo) ou um dólar (e já vais com muita sorte porque meical não serve, e logo hoje tive o azar de não agarrar um «cooper» e lá se foi a camisete «naice» que vi hoje na «Franca»). Há também as que não vivem em flats nenhumas, mas sim nas subúrbios. Contudo, também demandam a cidade a procura da ilusão e aventura que as faça esquecer o horrível(?) «modus vivendi» suburbano. Causas: a transposição do campo para a cidade sem situação definida, a vida fácil que atrai, a concorrência (aquela gaja tem umas calças «naice», tenho que arranjar também) e a falta de telha na cabecinha. Em suma, prostitutas.

Soluções: aí há uns tempos, uma orientação por directriz de Sua Excelência o Presidente Sumora Machel em comício, proibiu as mulheres andarem de calças apertadas em exagero (mostrando as curvas) e vestidos de rachinha (pondo as pernas ao léu). Ah! Mas era uma orientação. O entusiasmo inicial acabou, e lá voltámos nós ao princípio. Vamos outra vez?

«Puxa, pá, não usas soutien nem meia saia e ainda por cima vestido transparente!» Resposta: «É u cooperante, Joe». «Mutatis mutandis».

É preciso uma lei, e não só: controlar idades nos cinemas, idem nas boates, rusga de marginais (femininos), controlo de entradas na «Franca», controlos de moradores em flats (já se esboçou isto, mas o entusiasmo cessou), e, finalmente, prostitui-

ção — zonas verdes. Os fomentadores, idem. Cooperante: a ensubadela da ordem; em caso de reincidência, devolvido à procedência, que isto não é nenhum bordel. Esquecia-me referir que, da segunda parte, ainda fazem parte mulheres que trabalham. Não é só a vadiazinha, alto lá. O quê, trabalham de dia e trabalham de noite. Mais de noite que de dia. Estafam-se mas à noite; que de dia, o vencimento é fixo e regular. As olheiras sajam-se com lápis. PARA ONDE VAIS, MULHER MOÇAM-BICANA?

JOÃO VAZ (Zito)
(Maputo)

pas. Dá-se-lhes um dólar e já não largam a casa dum gajo». Há-as de todas as idades: dos 10 aos 40 anos. Entram com 15 aos cinemas com filmes para maiores de 18 anos, com doze embebedam-se e são descaradamente apalpadadas nas boates e com 10 já fazem o atrottoir. Também têm passaporte e de quando em vez vão à Swazi «curtir outras vidas» e fazer compras em rands.

Chumbam na escola por faltas (aquilo ali é uma seca; prefiro andar numa «boa»), nunca param em casa dos pais (ou melhor, param, das seis da manhã às onze, hora em que chegam da parodiázinha e hora em que saem, depois de mudar de roupa), vivem em grupos de quatro